



**Francisco Tenório da Silva**  
 Rede Privada de Educação Básica  
**Andréa Giordanna Araujo da Silva**  
 Universidade Federal da Paraíba

## O PAPEL DO “ESTUDANTE” EM WALTER BENJAMIN: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

*THE ROLE OF THE “STUDENT” IN WALTER BENJAMIN: A HISTORICAL APPROACH*

**Resumo.** O presente artigo é um estudo interpretativo sobre o fragmento escrito por Walter Benjamin *A vida do estudante* em 1914. A proposta da pesquisa é analisar as condições políticas e sociais dos estudantes universitários alemães no início do século XX, articulando com a situação atual dos estudantes brasileiros nas universidades brasileiras. Embora, o filósofo alemão tenha escrito este texto há mais cem anos, as temáticas abordadas continuam atualizadas, especialmente, a formação dos estudantes universitários que buscam ascensão social para a manutenção dos valores burguês e o progresso da ciência e na qualificação dos estudantes trabalhadores para o mercado de trabalho.

**Palavras-chave:** História da Educação. Estudante. Universidade.

**Abstract.** This article is a theoretical and interpretative study on the fragment written by Walter Benjamin *Student life* in 1914. The purpose of this research is to analyze reflections on the political and social conditions of German university students in the early twentieth century, articulating with the current situation of Brazilian students at Brazilian universities. Although the German philosopher wrote this text over a hundred years ago, the topics covered are still up to date, especially the training of university students seeking social ascension for the maintenance of bourgeois values and the progress of science and the qualification of working students for education labor market.

**Keywords:** History of Education. Student. University.

### Introdução

Walter Benjamin (1892-1940) escreveu o texto *A vida dos estudantes* em 1914, um fragmento importante que apresenta críticas e reflexões sobre as condições dos jovens estudantes das universidades alemãs, que na época era aculturado pela ideologia



**Francisco Tenório da Silva**  
Rede Privada de Educação Básica  
**Andréa Giordanna Araujo da Silva**  
Universidade Federal da Paraíba

burguesa com o propósito de estabelecer o capitalismo que avançava no território alemão.

O filósofo Benjamin (1892 - 1940) é considerado um dos mais importantes pensadores na área das ciências humanas. Ele foi crítico à filosofia do progresso, e um opositor marxista do "progressismo"<sup>1</sup>, um teórico do romantismo, e desde a sua juventude já tomava uma posição pelos excluídos, além de apresentar um espírito crítico ao modelo de sociedade burguesa presente na Alemanha. A sua obra é considerada incompleta e fragmentada, e essas características nos escritos de Benjamin despertam o espírito investigativo de muitos estudiosos sobre seus pensamentos.

Neste estudo, utilizaremos as críticas de Benjamin para refletir sobre o papel da universidade na formação dos jovens no tempo presente no Brasil. No início do século XX, Benjamin apresentava crítica às universidades alemãs como produtoras de formação de profissionais, e que a instituição universitária assumia a função de preparar os jovens para mercado de trabalho e ascensão social, além disso, visava atender os interesses de uma classe, ou seja, a burguesia. Chauí (2001, p. 35) comenta que a universidade é uma instituição social, "que ela realiza e exprime de modo determinado a sociedade de que é e faz parte", ou seja, na atualidade as universidades continuam desempenhando o papel de formar profissionais para o Capital.

Os estudos de Konder (1999) destacam que Benjamin e sua família viviam num país em que a unificação nacional fora atrasada, já que, o Estado alemão foi o último entre os países europeus a se constituir como estado nacional, no final de século XIX. Esse processo ocorreu de "cima" para "baixo", resultando num estado antidemocrático e

---

<sup>1</sup> Conforme Michel Löwy (2002), Walter Benjamin era um crítico radical a abordagem do marxismo evolucionista vulgar que propunha a revolução como algo natural a partir de um progresso econômico.



**Francisco Tenório da Silva**  
Rede Privada de Educação Básica  
**Andréa Giordanna Araujo da Silva**  
Universidade Federal da Paraíba

que tratava com truculência a participação do povo na política. Contudo, nos campos econômico e industrial os alemães evidenciavam alto índice de desenvolvimento.

Em 1910, o autor escreve seus primeiros trabalhos no campo da literatura, as suas publicações são realizadas na revista "Começo" (*Der Anfang*). É nessa escrita que Benjamin demonstra a "consciência de seu futuro papel social como *outsider* intelectual" (CALLADO, 2017, p. 19).

Bernd (apud CALLADO 2017) destaca que o jovem Benjamin participava da organização de grupos estudantis e da propagação das ideias do pedagogo Gustav Wynecken em relação à cultura juvenil independente. O líder estudantil realizou críticas ao "engajamento social dos estudantes" já que se caracterizava como uma atitude assistencialista e não provocava mudanças para a classe dominada. No verão de 1914, após a sua saída do Movimento Estudantil, o autor publica, na revista *Mercúrio*, o texto *A vida dos estudantes*.

Assim, Benjamin aponta em seu texto críticas ao modelo de vida burguês, a continuidade do progresso, a reprodução dos conhecimentos científicos como fábrica de profissões, o isolamento e o empobrecimento intelectual do estudante em sua formação, e a ausência do engajamento político aos movimentos sociais. Em síntese, esses jovens buscavam, através da universidade, alcançar prestígio social e adentrar no mercado de trabalho capitalista.

Walter Benjamin apresenta uma crítica à concepção histórica marcada pelo processo linear e evolutivo da sociedade defendida pelo historicismo. Essa crítica assumida pelo filósofo marcou toda sua vida intelectual. Além disso, havia



**Francisco Tenório da Silva**  
Rede Privada de Educação Básica  
**Andréa Giordanna Araujo da Silva**  
Universidade Federal da Paraíba

questionamentos ao modelo de civilização burguesa; a filosofia do progresso e a educação tecnicista, que eram debatidas por toda Europa Central na época.

Os apontamentos de Benjamin sobre as condições dos estudantes também podem ser ampliados como uma crítica para a atualidade, sobretudo no que se refere à ausência de militância política, quando os jovens entram no ensino superior, e à “deformação do espírito criador em espírito profissional” (BENJAMIN, 1986, p.155). É comum a existência de estudantes que passam pelos cursos superiores com o objetivo restrito de adquirirem o diploma e assim chegar ao mercado de trabalho. Corte-Real (2017) é um dos autores que entende que as universidades não estão exercendo na atualidade a sua função por excelência, e evidencia que ao mesmo tempo em que há um grande desenvolvimento da tecnologia, há cada vez mais uma desumanização do ato de aprender.

Os estudos da obra de Benjamin aconteceram no Ciclo de Leituras: Walter Benjamin e seus intérpretes realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa de História da Educação, Cultura e Literatura (GEPHECL) da Universidade Federal de Alagoas entre os anos de 2015 a 2018. O estudo da obra de Benjamin nos trouxe algumas inquietações e indagações: Qual o papel do estudante na perspectiva do pensamento de Benjamin? Por meio de uma pesquisa bibliográfica da obra do autor, e dos seus intérpretes e observamos, que, mesmo após 108 anos da escrita desse texto, as questões tratadas pelo jovem intelectual se refletem na atualidade.

Logo, para a compreensão do contexto histórico e educacional vivenciado pelos alemães no início do século XX, abordaremos uma reflexão sobre os papéis dos estudantes, articulando com os sujeitos da educação superior na atualidade, já que



**Francisco Tenório da Silva**  
Rede Privada de Educação Básica  
**Andréa Giordanna Araujo da Silva**  
Universidade Federal da Paraíba

Benjamin (1940) afirma em na TESE VI “Articular o passado historicamente não significa conhecê-lo tal como ele foi propriamente foi. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela lampeja num instante de perigo.”

Como dito anteriormente, Walter Benjamin apresenta crítica a formação intelectual dos estudantes alemães que eram formados para serem profissionais do mercado de trabalho. Utilizaram-se, como fundamento teórico, os estudos de Bolle (1989), Chauí (2001), Konder (1999), Löwy (2005), Martins (2014) e Fusaro (2017).

## **História e Educação em Benjamin**

Benjamin era descendente de família judaica, pertencia à classe burguesa alemã. Os costumes e as filosofias judaicas influenciaram toda a sua vida e observamos que seus escritos estão profundamente marcados pela cultura judaica. Os seus escritos apresentam críticas à "filosofia do progresso; um adversário marxista do "progressismo, um nostálgico do passado que sonha com o futuro, um romântico partidário do materialismo” (LÖWY, 2005, p. 14).

O autor testemunhou, entre os anos de 1914 a 1918, a experiência do seu país estar na Primeira Guerra Mundial. Nesse período, o jovem Benjamin estava na universidade e era líder do Liga Estudantil Livre de Berlim. Seu posicionamento crítico se destacava dos seus colegas da época. Assim, o autor apontava como os jovens estudantes estavam seduzidos pela vida burguesa, pelo desenvolvimento do progresso, e abandonando o espírito crítico da realidade, adaptando-se ao sistema vigente. Logo, a entrada dos jovens nas universidades resultava numa ascensão ao profissionalismo.



**Francisco Tenório da Silva**  
Rede Privada de Educação Básica  
**Andréa Giordanna Araujo da Silva**  
Universidade Federal da Paraíba

O jovem alemão vivenciou as transformações socioculturais da sociedade alemã, influenciada pelo período denominado *Bela Época*, quando a classe burguesa imprimia a sua ideologia, a sua cultura, a sua política, e costumes por toda a sociedade. Além disso, presenciou o crescimento industrial e urbano e as mudanças culturais dos jovens em virtude do desenvolvimento da civilização.

O texto *A vida dos estudantes* destaca as considerações introdutórias sobre a filosofia da história que norteará o seu pensamento em toda vida intelectual. Assim, ele afirma, Benjamin (1986, p. 151):

Há uma concepção da história que, confiando na eternidade do tempo, só distingue o ritmo dos homens e das épocas que correm rápida ou lentamente na esteira do progresso. A isso corresponde a ausência de nexos, a falta de precisão e de rigor que ela coloca em relação ao presente.

Löwy (2005, p. 17) aponta que Benjamin articulava três posições no campo da filosofia da história: "o romantismo alemão, o messianismo judaico e o marxismo". No texto em questão, o autor já questionava a ideologia do progresso, ou seja, a história não deve ser realizada por uma continuidade em forma linear e evolutiva. Para o autor, não há um otimismo da história como um percurso permanente em direção ao progresso. Essa sua posição sobre a história atravessaria toda a sua vida, inclusive estaria presente nas teses sobre o conceito de história, escritas em 1940.

O pensamento de Benjamin, de acordo com Löwy (2005), explica, que no campo da história, o autor desenvolve críticas à ideologia do progresso, a partir da visão do romantismo alemão. Logo, entendemos o romantismo como "uma visão de mundo, de



**Francisco Tenório da Silva**  
Rede Privada de Educação Básica  
**Andréa Giordanna Araujo da Silva**  
Universidade Federal da Paraíba

um estilo de pensamento, de uma estrutura de sensibilidade que se manifesta em todas as esferas da vida cultural" (LÖWY, 2005, p. 18). De acordo com o jovem filósofo, na esteira do progresso os seres humanos são transformados em "máquinas de trabalho". Além disso, Cantinho (2010) explica que Benjamin tratava o tema "progresso" como uma temporalidade mecânica e vazia. Assim, o trabalho no sistema capitalista constituía o indivíduo sem espírito crítico e intelectual.

Löwy (2015) destaca que, a partir de 1924, quando Benjamin lê a obra *História e consciência de classe*, de Lukács, ele se aproximou da leitura do marxismo revendo o conceito de história como luta de classe. Contudo, ao tomar a posição pelo materialismo histórico, não abandonou as ideias do romantismo e do messianismo, mas articulou os três conceitos, se distanciando do marxismo ortodoxo predominante na época.

Benjamin é o questionador do tempo na história, marcado pela continuidade, ou seja, ele se opõe à posição de linearidade e de evolução do tempo histórico, defendido pelo positivismo, como se a humanidade caminhasse para o desenvolvimento. Logo, o filósofo alemão questiona a concepção de história na perspectiva burguesa. "Há uma concepção da história que, confiando na eternidade do tempo, só distingue o ritmo dos homens e das épocas que correm rápida ou lentamente na esteira do progresso" (BENJAMIN, 1986, p. 151).

O progresso é o percurso evolutivo da humanidade que seria conduzido pela classe burguesa, como se apresenta na citação de Penido (1989, p. 62):

[...] O progresso da humanidade é visto como um processo sem limites que está relacionado com a capacidade de aperfeiçoamento inerente à humanidade. É um processo que avança por si mesmo, não existe



**Francisco Tenório da Silva**  
Rede Privada de Educação Básica  
**Andréa Giordanna Araujo da Silva**  
Universidade Federal da Paraíba

possibilidades de que o processo histórico da humanidade se dê em outras bases.

Para a autora citada, a ideia de progresso está vinculada à capacidade de aperfeiçoamento da humanidade. Contudo, o jovem Benjamim não acreditava que o progresso dominado pela classe burguesa resultaria em benefícios para a humanidade, especificamente, no contexto da Primeira Guerra Mundial. Para Benjamin, a história se caracteriza pela rememoração das classes dos excluídos e em dar voz aos vencidos como meio de transformação da realidade e emancipação humana contra o sistema vigente.

No campo educacional, Benjamin apresenta uma crítica à educação escolar marcada por uma educação tecnicista e utilitarista. Os estudantes passam pela universidade sem uma formação política e são treinados para vender a sua força de trabalho, reproduzindo o modelo de trabalho burguês. Martins (2014) comenta que existiam dois problemas no processo educacional alemão: A Ciência e o Estado, ou seja, o estado burguês utiliza a ciência para reproduzir a sua ideologia dominante e que os jovens estudantes são capacitados para o trabalho sem o espírito crítico e político. Benjamin (1986, p. 151) afirma:

O único caminho para tratar do lugar histórico do estudantado e da universidade é o sistema. Enquanto para isso faltam ainda várias condições, resta apenas libertar o futuro de sua forma presente desfigurada, através de um ato de conhecimento. Somente para isso serve a crítica.

Nesse trecho, observamos a importância do espírito crítico que os estudantes deveriam desenvolver na educação superior. O jovem alemão denunciava o modelo



**Francisco Tenório da Silva**  
Rede Privada de Educação Básica  
**Andréa Giordanna Araujo da Silva**  
Universidade Federal da Paraíba

educacional alemão, os castigos e a violência na escola representavam um retrocesso na vida dos estudantes, como destaca Fusaro (2017, p. 201): "Foi crítico severo do sistema de educação pública, em que o horrorizava, por exemplo, o uso de palmatória, e outros castigos, a seu ver, absurdos". Logo, a pedagogia escolar alemã se caracterizava pela perspectiva tradicional, autoritária e controladora.

## **O papel do "estudante" em Benjamin**

O jovem Benjamin apresentou um retrato da condição estudantil e das universidades na Alemanha. O que é ser jovem para Benjamin? Inicialmente, entendemos que essa fase da vida é caracterizada por novas descobertas, por conflitos de interesses, conquistas pessoais e pela socialização com outros indivíduos. Na sociedade capitalista, onde o indivíduo é preparado para vender a sua força de trabalho, a fase da juventude pode ser considerada um "ciclo da vida, uma faixa etária, uma categoria social e uma geração", que se prepara para a produção e reprodução da vida e da sociedade (FREITAS, et al, 2005, p. 6).

Ao observarmos no texto *A vida dos estudantes*, Benjamin denunciava as universidades como deformadores do espírito criativo e pelo desprezo da formação intelectual dos estudantes, ou seja, os jovens passavam pela universidade e buscava se adequar ao modelo cultural burguês. Os estudantes estavam condicionados a uma previsibilidade na carreira e uma acomodação ao sistema vigente. Logo, a interferência do Estado sobre as instituições de ensino superior resultaria na burocratização do



**Francisco Tenório da Silva**  
Rede Privada de Educação Básica  
**Andréa Giordanna Araujo da Silva**  
Universidade Federal da Paraíba

sistema de ensino, criando “fábricas” de profissões para atender às demandas do mercado alemão (BENJAMIN, 1986).

O que incomoda o jovem benjamim é justamente a indiferença dos estudantes alemães ao sistema vigente, ou seja, o processo de alienação dos sujeitos ao ideal burguês vigente. A expectativa de Benjamin era que, por meio da educação, os jovens na instituição superior desenvolvessem uma formação política e intelectual e que utilizassem a criatividade com o objetivo de promover mudanças da sociedade, como afirma, Benjamin (1986, p. 156):

O estudiantado deveria ser considerado em sua função criativa, como o grande transformador que teria de traduzir em questões científicas, com um enfoque filosófico, as novas que costumam despertar mais cedo na arte e na vida social do que na ciência.

Na Alemanha do início do século XX, era um privilégio para os filhos da elite e da classe média alemã chegar à universidade. A educação nesse período era voltada para a classe dominante e os filhos da classe dos operários não tinham oportunidades para a escolarização; apenas se restringia à alfabetização, à educação profissional e ao trabalho rural.

Benjamin expõe sua crítica ao papel do estudante alemão na universidade ao mesmo tempo em que vivencia o período da juventude cujo significado se aproximava do ideal burguês de vida. O estudioso de Benjamin, Bolle (1989, p. 14), comenta sobre o que é ser estudante: “uma desmistificação da juventude, ele mostra que os jovens daquela época se mascaram da cultura burguesa para a manutenção do sistema



**Francisco Tenório da Silva**  
Rede Privada de Educação Básica  
**Andréa Giordanna Araujo da Silva**  
Universidade Federal da Paraíba

estabelecido”. Ou seja, a classe dominante impõe seus valores aos jovens para se manter no poder.

Benjamin aponta críticas aos estudantes universitários alemães devido a se distanciarem das atividades políticas e do pensamento reflexivo da realidade. Martins (2014, p. 14) explica que “para o autor, esta não-participação política dos estudantes, além de ser uma arraigada indiferença, também é justificada em nome da ciência, ou seja, de uma evocação da neutralidade científica”. Assim, os estudantes buscam transformar-se em profissionais para se tornarem trabalhadores qualificados para o mercado.

Além disso, Rocha (2016) comenta que a intervenção do Estado na universidade provoca deturpação no propósito da ciência. Os jovens estudantes alemães vivem uma banalização da vida se inserindo ao estilo burguês. Esses jovens se afastam cada vez mais do espírito criador para se tornar imitadores da profissão; os jovens são capturados pelo símbolo do progresso buscando ascensão profissional.

Na atualidade brasileira, observamos fenômenos sociais que muito se assemelha as questões apontadas por Benjamin, por exemplo a relação entre o professor universitário e o estudante se caracteriza por um abismo na formação do aluno, a separação prejudicou a formação intelectual do aluno, devido à falta de estudo, à miséria bibliográfica e à dificuldade na escrita. Essas deficiências na formação dos estudantes têm produzido problemáticas como a deformação intelectual e a ausência de espírito criativo (BENJAMIN, 1986).

Além disso, podemos considerar que as universidades públicas e privadas no Brasil apresentam distinção em seus objetivos. Enquanto as universidades públicas



**Francisco Tenório da Silva**  
Rede Privada de Educação Básica  
**Andréa Giordanna Araujo da Silva**  
Universidade Federal da Paraíba

priorizam a tríplice formação como à pesquisa, ao ensino e a extensão; as faculdades privadas, "multiplicaram-se de maneira isolada, visando a qualificação para o trabalho e a avidez lucrativa de empresários" (ALMEIDA, 2012, p. 22).

Benjamin (1986) aponta a submissão e a passividade dos estudantes em relação à instituição universitária. De acordo com o autor, os estudantes são interpelados pela cultura burguesa por meio da instituição universitária com o intuito de não os tornar capazes de realizar produções científicas, resumindo-se apenas num certo desespero para a obtenção do diploma.

No ensaio crítico em questão, Benjamin apresenta críticas à instituição universitária alemã. Suas inquietações sobre a universidade se apóiam nos interesses do Estado. De forma que percebemos que as problemáticas vivenciadas pelo líder estudantil dentro das universidades alemãs são as mesmas que as universidades na atualidade vêm enfrentando. Embora seja importante considerarmos que o contexto da universidade na atualidade se apresenta como "uma organização social que presta um serviço ao Estado e celebra com ele um contrato de gestão" (CHAUÍ 2001, p. 176). A universidade como organismo social deveria atender os interesses não somente do Estado, mas ao desenvolvimento social, cultural e científico da sociedade.

Como todas as instituições políticas, econômicas, culturais e educacionais, a universidade está submissa aos interesses de uma classe, isto é, a burguesia. Os cursos oferecidos pelas instituições superiores estão voltados para a formação de profissões. Logo, Benjamin revela que as universidades não têm se empenhado na produção das ciências que aperfeiçoam a humanidade, mas para a reprodução dos conhecimentos que



**Francisco Tenório da Silva**  
Rede Privada de Educação Básica  
**Andréa Giordanna Araujo da Silva**  
Universidade Federal da Paraíba

visam a consolidação da luta de classe. Assim, o intelectual alemão, já apontava seu posicionamento crítico, Benjamin (1986, p. 152-153):

A submissão acrítica e sem resistência a esse estado de coisas é um traço essencial na vida dos estudantes. É verdade que as assim chamadas organizações de Estudantes Livres (*Freistudentische Organisationen*) e outras de tendência social empreenderam uma aparente tentativa de solução. Esta, em última instância, leva a um completo aburguesamento da instituição, e em parte alguma mostrou-se com maior evidência que os estudantes de hoje, enquanto comunidade, não são capazes nem mesmo de formular a questão da vida científica e de compreender até que ponto ela implica um protesto insolúvel contra a vida profissional de seu tempo.

Nesse trecho, verificamos como as universidades se tornaram burguesas, ou seja, controladas pelos princípios e valores de uma classe dominante. Bolle (1989, p.13) explica que “na estrutura da universidade, o crítico verifica a preponderância do espírito burocrático” sobre o espírito investigativo. Dentro das universidades ocorre o processo burocrático que dificulta a produção de pesquisa.

O ensaio *A vida dos estudantes* caracteriza a instituição universitária como um espírito alienador que impõe status profissional caracterizado pelos cargos, salários e prestígios. Essas instituições estão sufocando o espírito aberto, inquieto e criador dos estudantes para atender ao progresso científico da classe burguesa (BOLLE, 1989).

Por conseguinte, consideramos que a função de excelência da universidade deveria ser um espaço de formação intelectual e científico para promover transformação social e emancipação humana, já que é um lugar de pesquisa e formação. Benjamin destacava que o lugar da ciência se converteu numa escola profissional, já que a “ciência



**Francisco Tenório da Silva**  
Rede Privada de Educação Básica  
**Andréa Giordanna Araujo da Silva**  
Universidade Federal da Paraíba

não tem nada a ver com a vida”, ou seja, a instituição superior é o espaço de reprodução do ideal burguês, foi tratada como o conhecimento científico reproduzido para estabelecer o controle da classe dominante.

Almeida (2012, p. 43) argumenta que ao mergulhar no ambiente universitário, os jovens estudantes buscam "dá valor social que ele representa, pelo status profissional, pelo retorno financeiro, pela concorrência e pela viabilidade do estudo/trabalho.

Na perspectiva dos valores morais, Benjamin (1986) aponta a problemática da cultura erótica vivenciados pelos estudantes alemães. Enquanto os jovens buscam as prostitutas que viviam nas cidades, por outro lado esperavam assumir a posição de pais de família, como afirmar Benjamin (1986, p. 156):

Uma deformação ainda mais profunda da vida inconsciente dos estudantes é exercida pela convenção erótica. Com a mesma naturalidade com a qual a ideologia da profissão algema a consciência intelectual, a idéia de casamento, de família, pesa sobre o Eros como uma obscura convenção. Parece que Eros desapareceu de um espaço de tempo que se estende vazio e indefinido, entre a existência do filho de família e a do pai de família.

Chaves (2008) aborda em Benjamin a questão do erotismo. Para o autor, a hipocrisia da sociedade burguesa referente à temática neutralizou o Eros com a ajuda da escola, da educação e da universidade.

Ao refletir acerca da vida dos estudantes, concordamos com Chauí (2001), que explica que as instituições superiores estão se tornando mais burocráticas, descaracterizando a sua função social. A universidade está pautada na produtividade, e



**Francisco Tenório da Silva**  
Rede Privada de Educação Básica  
**Andréa Giordanna Araujo da Silva**  
Universidade Federal da Paraíba

na eficácia organizacional e não prioriza mais a construção do conhecimento e a formação intelectual dos estudantes, já que o foco da universidade é meramente a reprodução do conhecimento, se apoiando nos interesses da classe burguesa.

## Considerações Finais

O pensamento de W. Benjamin escrito no ensaio *A vida dos estudantes* no início do século XX, nos permite trazer reflexões sobre a crítica da realidade, por meio de um testemunho vivo, numa sociedade alemã marcada pelo progresso e pela consolidação dos valores da burguesia.

Na análise do fragmento, se destaca a "rebeldia" do jovem Benjamim ao sistema vigente, a análise dos estudantes universitários que aceitavam o conformismo do sistema capitalista, e a crítica à universidade alemã que preparava rapidamente os jovens para cumprirem alguma utilidade. Logo, ele esperava que jovens estudantes desenvolvessem a criatividade intelectual com a finalidade de transformar a sociedade.

Ao articular tais questões com a atualidade, observamos que na sociedade capitalista ocidental, os jovens estudantes buscam através da universidade uma profissão, ou seja, adentrar no mercado de trabalho para vender sua força de trabalho com uma formação profissional. Para o estudante, quanto mais rápido passa pelo ensino superior, mais aceleradas serão as oportunidades de encontrar trabalho. De acordo com Chauí (2001, p. 38):

Os universitários tendem cada mais a aceitar a separação entre docência e pesquisa, aceitando que os títulos universitários funcionem como grau



**Francisco Tenório da Silva**  
Rede Privada de Educação Básica  
**Andréa Giordanna Araujo da Silva**  
Universidade Federal da Paraíba

hierárquico de separação entre graduação e pós-graduação, em lugar de pensá-la integralmente. Além disso, e como consequência, aceitam a decisão das direções universitárias de reduzir a graduação e a escolarização em número absurdo de horas aulas, desconhecimento por partes dos estudantes e docentes de línguas estrangeiras, miséria bibliográfica e informativa, ausência de trabalhos de laboratórios e de pequenas pesquisas de campos, isto é, a redução da graduação a um segundo grau avançado para a formação rápida e barata de mão de obra com diploma universitário.

Aganben (2017) traz uma reflexão a partir do texto *A vida do estudante* quando diz que “a miséria – ao mesmo tempo econômica e espiritual – da condição estudantil cresceu numa medida incontrolável” quando se valoriza a palavra “pesquisa” em lugar de “estudo”, que se tornou um termo menos prestigioso nas atividades acadêmicas.

Em síntese, entendemos que a universidade é uma “instituição social” historicamente construída para o desenvolvimento da pesquisa, do conhecimento e da transformação da realidade. No entanto, ela não é uma ilha, ela reflete os conflitos de interesses das classes dominante e dominada (CHAUI, 2001).

O jovem Benjamin, ao tratar das condições dos jovens de sua época, revela que os sujeitos estudantes deveriam utilizar a educação como meio de transformação social e política, além de utilizar a criatividade para inovar o pensamento e se contrapor ao modelo burguês. Em relação à universidade, Benjamin esperava que fosse um espaço democrático para estudo e para a formação intelectual e política dos estudantes e professores. A produção do conhecimento deveria ser desenvolvida no lugar livre, sem a interferência do Estado. As inquietações apontadas pelo jovem Benjamin em seu ensaio permitem, portanto, o questionamento acerca da presença dessas mesmas questões no contexto do século XXI.



**Francisco Tenório da Silva**  
 Rede Privada de Educação Básica  
**Andréa Giordanna Araujo da Silva**  
 Universidade Federal da Paraíba

## Referências

AGANBEN, Giorgio. *Estudantes*. Revista Punkto. Caderno n. 6, 17 de maio 2017, Disponível em:  
[https://www.revistapunkto.com/2017/05/estudantes-giorgio-agamben\\_17.html](https://www.revistapunkto.com/2017/05/estudantes-giorgio-agamben_17.html).  
 Acesso em: 12 dez. 2018.

ALMEIDA, Débora Menegazzo de Sousa. **A Motivação do Aluno no Ensino Superior: um estudo exploratório**. 2012. 147f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Paraná, 2012.

BENJAMIN, Walter. A vida dos estudantes. In: \_\_\_\_\_. **Documentos de cultura, documentos de barbárie**: escritos escolhidos. São Paulo: Editora Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1986. p. 151-160

BOLLE. W. Pensamento Privilegiado e Cultura de Massas (Tradição e Modernidade em Walter Benjamin). **Linha D'Água**, n. 6, p. 13-29, 14 de jul. 1989. Disponível em:  
<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v0i6p13-29>. Acesso em: 10 jun. 2018.

CALLADO, Tereza de Castro. Resenha de: WITTE, Bernd, WALTER BENJAMIN – Uma biografia, tradução de Romero Freitas, Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017. **Cadernos Walter Benjamin**. n. 19, jul. a dez. de 2017, p. 249-253. Disponível em:  
<https://gewebe.com.br/pdf/cad19/resenha.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2019.

CANTINHO, Maria João. Walter Benjamin e a História Messiânica contra a Visão Histórica do Progresso. **Cadernos Benjaminianos**. n. 2, p. 1-20, 2010. Disponível em:  
<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cadernosbenjaminianos/issue/view/307>. Acesso em :11 jun. 2018.

CHAUÍ, Marilena. **Escritos sobre a Universidade**. São Paulo. UNESP. 2001.

CHAVES, Ernani. Eros criativo: cultura e educação erótica nos textos do “estudante” Walter Benjamin. **Artefilosofia**, Ouro Preto, n.4, p. 45-53, jan.2008. Disponível em:



**Francisco Tenório da Silva**  
 Rede Privada de Educação Básica  
**Andréa Giordanna Araujo da Silva**  
 Universidade Federal da Paraíba

<https://periodicos.ufop.br/pp/index.php/raf/article/view/733/689>. Acesso em: 10 abr. 2019.

CORTE-REAL, Eduardo. Para que servem as universidades? **Revista Punkto**. Caderno n. 6, 17 de mai. de 2017, Disponível em: <https://www.revistapunkto.com/2017/11/para-que-servem-as-universidades.html>. Acesso em: 10 abr. 2019.

FREITAS, Maria Virgínia de (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>. Acesso 10 abr. 2019.

FUSARO, Márcia. **Walter Benjamin**: uma biografia, de Bernd Witte. Tradução de Romero Freitas. **ECCOS Revista Científica**, São Paulo, n. 43, p. 199 - 201. Disponível em: <http://oaji.net/articles/2017/4613-1507143529.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2018.

KONDER, Leandro. **Walter Benjamin**: o marxismo da melancolia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin**: Aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARTINS, Julianna Abuzaglo Elias. Observações sobre vida estudantil em Benjamin e Heidegger: Breve análise dos textos “A vida dos estudantes” e “o discurso reitorado”. **Revista do Seminário dos Alunos do PPGLM/UFRJ**, v. 5, n. 1, 2014. ISSN: 2236-0204. Disponível em: [https://seminarioppglm.files.wordpress.com/2015/02/8-martins-observac3a7c3b5es-sobre-vida-estudantil-em-benjamin-e-heidegger\\_-breve-anc3a1lise-dos-textos-a-vida-dos-estudantes-e-o-discurso-do-reitorado.pdf](https://seminarioppglm.files.wordpress.com/2015/02/8-martins-observac3a7c3b5es-sobre-vida-estudantil-em-benjamin-e-heidegger_-breve-anc3a1lise-dos-textos-a-vida-dos-estudantes-e-o-discurso-do-reitorado.pdf). Acesso em: 10 jun. 2018.

PENIDO, Stela. Walter Benjamin: a história como construção e alegoria. **O que nos faz pensar**, [S.l.], v. 1, n. 01, p. 61-70, jun 1989. Disponível em: <http://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/8>. Acesso em: 09 jun. 2018.



**Francisco Tenório da Silva**  
Rede Privada de Educação Básica  
**Andréa Giordanna Araujo da Silva**  
Universidade Federal da Paraíba

ROCHA, Sergio Luis Alves. Experiência e tradição em Walter Benjamin: ressonâncias para a educação. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, 14 (1), 2016, p. 121-132. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/rlcs/v14n1/v14n1a08.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2018.

Recebido em 11 de julho de 2022  
Aprovado em 10 de dezembro de 2022